

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.

ASSIGNATURA.		ASSIGNATURA.	
CÔRTE E NICTHEROY:		PROVINCIAS:	
Por anno.....	12\$000	Por anno.....	16\$000
Por semestre.....	6\$000	Por semestre.....	8\$000
Por trimestre.....	3\$000	Por trimestre.....	4\$000

Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assignantes terão sempre direito a todos os numeros deste jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscreve-se nesta typographia e nas principaes livrarias da côrte.

Profissões Liberaes.

(Vid. o n. antecedente).

I.

O SACERDOTE.

A imagem de Deus sobre a terra, a assimilação do imperfeito ao perfeito, a consubstanciação da natureza—homem—com a natureza—Deus—tal é o typo que imaginamos no bello ideal do sacerdote.

O movel unico de seus actos está em uma idéa e esta é a—abnegação.

Da pratica de suas acções e exemplo de sua vida deve resumir um só conceito, e este é—o da virtude.

Seus olhos, enquanto seu corpo perpassa pelo mundo, só devem contemplar o firmamento, esse quadro sublime do supremo poder do Creator.

E a abnegação traduz-se no desprezo pelas riquezas da terra, no desapego pelos commodos da vida, e na desestimação de tudo o que possa ter um resaião de vaidade e ostentação.

E a pratica da virtude traduz-se por tudo o que se estima nas acções do homem como grande, sublime, humanitario, e approximado da essencia divina, que é o manancial do supremo bem.

No sacerdote deve o povo contemplar a chama ardente da fé viva, o prototypo da resignação e da esperança, emfim os braços abertos da santa caridade, esse sublime apanagio para a salvação eterna, esse grandiosissimo monumento para a gigantesca obra do futuro dos futuros, prometido por Deus do alto de sua suprema revelação antes e depois do christianismo.

E, pois, assim, com a approximação d'esse ideal de perfeição, com essa vida de exemplo e

humildade, á imitação do Divino Mestre, que se deve apresentar ao povo o ministro do altar. Quer seja a sua posição a de simples clérigo, quer a de principe da igreja, quer outra intermediaria na hierarchia ecclesiastica, o archetypus é o mesmo, o espelho de suas acções, esse que ahi vai escripto em toscas phrases.

Mas, permita-nos o leitor que nos demoremos um pouco em occupar-nos mais de espaço de uma dignidade que toca mais de perto a vida social, os costumes e a moralidade, emfim, do povo; queremos fallar do parochio.

Além do archetypus que deve ter sempre em mira, cabe-lhe ainda ser o constante doutrinador de suas ovelhas, o desvelado pastor de suas necessidades espirituaes, e quicá o primeiro instructor de sua educação moral e religiosa. Afóra o exemplo da sua vida de virtudes, o espelho que lhes deve sempre apresentar de sua alma pura e limpida como as aguas christalinhas do regato que serpeja por de redor de seu campario, deve ainda conviver com ellas e apascental-as de tal sorte que lhes incuta no espirito, já os primeiros elementos dos bons sentimentos, como o amor do proximo, o dever da propria conservação, e até o amor da patria e a obediencia ás instituições legaes; já a certeza do apoio e abrigo que em sua pessoa encontrarão sempre contra as paixões ruins, os máus desejos, a ambição desregrada, o caminho, emfim, da deshonra e da infamia.

E' na constante pratica d'esta suave educação que está o mais efficaz complemento da vida do parochio, que tem d'este modo realisado o mais elevado preceito do Evangelho: — *pasci oves meas, pasci agnos meos.*

Nenhuma das dignidades da igreja, que co-



3.587
52

nhecemos, põe o sacerdote mais em contacto com o povo, mais a par de realizar tão sublime mister do que essa do parcho.

Tanto tem de modesta essa missão, quanto de grandiosa em seus legitimos effeitos. Não é em balde que a legislação manda consagrar uma tenue parte dos rendimentos publicos para a manutenção de tão preciosa instituição. Os demais sacerdotes podem, é certo, e muito influem mesmo para o conseguimento d'esse desejado desideratum. Aquellas dignidades mesmo superiores ao modesto parcho, o diocesano e mais agentes do clero devem por excellencia do seu ministerio ter em mira, desempenhar e fortalecer todas essas aspirações, todos esses predicados que achamos tão fructiferos para o engrandecimento do homem; mas nenhum por certo está em tão aptas condições para preencher a augusta missão como o parcho. E' elle que está intimamente em contacto com o seu rebanho, é a pessoa do diocesano no seu territorio, o conhecedor profundo do coração do rebanho, cujo pasto administra, o compauheiro de suas vicissitudes, o alvo de suas attensões, o mensageiro e dispensador de suas faltas perante o Christo, é, enfim, a alma de suas almas.

Ah! e quantos em nosso paiz comprehendem a sua sagrada missão?!

Poucos, bem poucos (infelizmente isto está na consciencia publica) se approximão do bello ideal de sua divina profissão!

Oxalá estas singelas linhas possão attingir uma pequena parcella de consideração em seus espiritos, e alcançar algum effeito salutar para o paiz!

Não almejamos outro fim; este é o maior que se pôde desejar.

Não ha negar tambem, que a falta de tolerancia, tal qual as nossas instituições o querem, e a influencia quiza perniciososa de alguns estrangeiros no nosso clero parochial têm sido elementos fortes do desprestigio da classe.

Muito longe nos levarião as considerações sobre estes pontos, que aliás sahem um pouco fóra da esphera que nos traçamos; por isso paramos aqui, fazendo votos para que aquelles, sobre quem podem recahir as censuras da influencia d'estes perniciosos elementos ao nosso progresso e desenvolvimento religioso, sejam em tempo inspirados por Deus, e salvem o nosso adorado

paiz dos males profundos que lhe causão taes chagas sociaes.

Dr. M. J. RODRIGUES.

Da autoridade dos Evangelhos

POR M. FRAYSSINOUS

Bispo de Hermopolis.

(Traduzido por L. M. Pecegueiro).

(Vid. o n. antecedente).

Invoquei, em segundo lugar, o testemunho da nação judia.

Todos sabem que desde os primeiros tempos, principalmente do christianismo, travarão-se questões mui vivas entre os Judeos e os Christãos; e no entanto é para admirar que os primeiros jámais tivessem contestado o facto mesmo da existencia de Jesus. Elles bem pudêrão tratá-lo de magico, calumnial-o, carregal-o de injurias; mas ahí ficarão os seus ataques, e esses mesmos ataques presuppõem a sua existencia. Veja-se ainda como os seus monumentos se conformão em nol-o attestar. Que maior testemunho é preciso que o do celebre Joseph, autor contemporaneo! Não me prevalecerei mesmo de um ponto d'esse historiador, que se tornou tão famoso pelas disputas dos criticos modernos; mas ha ahí um, extrahido de suas *Antiquidades Judaicas* * que se não saberia rasoavelmente contestar, e que satisfaz ao designio que tenho de estabelecer a existencia real de Jesus.

Joseph ahí nos diz que o grande sacerdote Ananias reuniu um conselho ante o qual citou Jacques, irmão ** de Jesus que se chamava Christo, assim como a alguns outros, e que os fez condemnar a serem apedrejados, como culpados de haverem violado e transgredido a lei: Alguem dirá que Jacques, citado ante o Tribunal dos Judeus, era uma constellação parente do sol?

No systema que combate tudo é grosseiramente absurdo. Vê-se bem por seu Talmud, obra que data do segundo século, que os Judeus con-

* Antiq. livro xx, cap. 9, n. 1.

** Os Judeus chamavão irmãos os primos-irmãos e outros parentes proximos. Poderíamos dar d'isto exemplos se fosse necessario; mas todos os interpretes da Escripura estão de accôrdo neste ponto.

tinuárão contra Jesus Christo as accusações de seus maiores ; mas tambem se vê que jámais elles tiverão o pensamento de contestar a sua existencia.

As tradições, sobre esse ponto tão facil de conhecer, erão mui constantes e mui uniformes.

Que direi das nações pagãs ?

Oução-se os seus escriptores os mais proximos da origem das cousas : é Tacito que em seus *Annaes* *, nos diz que o nome de Christo vem de Christo, que, no reinado de Tiberio, Poncio Pilatos sendo governador da Judéa, fez condemnar ao supplicio. E' Plinio o moço, que, em sua carta a Trajano, lhe declara que o costume dos Christãos era reunirem-se em um dia determinado para entoar canticos em honra do Christo. E' Luciano de Samothracia, que appareceu no tempo de Trajano : em sua historia da morte de um philosopho chamado Peregrino, nos diz que este ultimo tinha aprendido na Judéa a doutrina dos Christãos, e acrescenta por zombaria: " Esta gente adora esse grande homem que foi crucificado na Palestina, porque foi elle o primeiro que ensinou aos homens esta religião. " E' Lamprido, que na vida do imperador Alexandre Severo, nos conta que este Principe tinha por costume todas as manhãs honrar a Christo, e que até mesmo lhe tinha querido edificar um templo. São finalmente Celso, inimigo sagaz e sabio dos christãos ; Porphyro, philosopho habil, na opinião de Santo Agostinho ; Julianio, cujo espirito e malicia são por todo o mundo conhecidos ; Herocles, magistrado pagão, de quem temos conhecimento por Euzebio. Todos sabem que estes quatro ultimos empregárão contra a religião christã tudo quanto dispunhão de espirito e talento ; porém jámais se lembrárão de atacar o facto principal da existencia de Jesus Christo. Ora eis aqui como todas as nações, todos os seculos, todos os escriptores mais graves, mais proximos da origem do facto são unanimemente de accordo sobre a existencia de Jesus Christo na Judéa, e sobre sua qualidade de fundador do christianismo. Que impudencia, que defeito de logica não seria pôr em parallelo com esta porção irresistivel de provas historicas, algumas tradições populares sobre certos personagens da fabula ; tradições que não têm fio, nem nexos, nem apoio no teste-

munho de autores contemporaneos, ou na convicção dos homens esclarecidos ! Seria querer comparar as trevas á luz, pretender-se que não ha historia verdadeira só por que existem contos fabulosos. Sim ; todos os factos da antiguidade poderião ser contestados com fundamento, que, o que estabelecemos neste momento ficaria inconcusso. Mas porque nos demoraremos em provar o que é mais brilhante que o sol ? Pretender-se repellir de algum modo da sociedade christã a Jesus Christo, que é o seu fundador, seria o mesmo que repellir do universo o grande Deus que o creou. Os erros se sustentão como as verdades ; uma vez cahidos nas trevas do atheismo, a intelligencia se obscurece, o gosto pela verdade se extingue, pouco a pouco nos familiarisamos com o que ha de mais extravagante, o espirito perde insensivelmente todo o pudor ; violeto até as peripecias da mentira, acaba-se por propagar sem reserva, e quasi sem se aperceber, os mais fortes erros ; e os infelizes que chegam a esse grão de cynismo, são os unicos a não se envergonharem de sua monstruosa singularidade.

Mas onde se acha a historia de Jesus Christo ? Nos Evangelhos. E forão esses Evangelhos verdadeiramente compostos por seus apostolos e discipulos, S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas e S. João, de quem trazem os nomes ; ou na frase do critico, serão authenticos os nossos Evangelhos ? Eis a minha segunda questão.

(Continúa).

Sciencias.

ALGUNS APONTAMENTOS RELATIVOS AO ESTADO
SPHEROIDAL DOS CORPOS ; PROVA DO FOGO ; O
HOMEM INCOMBUSTIVEL, ETC., ETC.

Por M. Boutigny.

(Relatorio lido na academia das sciencias de Paris).

Como a religião de Zoroastro soffresse numerosas defeições, pelo seculo III da nossa era, convocou-se um concilio de magos para propôr os meios de remoçar a fé vacillante dos sectarios. O que ali se fez nenhum interesse tem para nós. Diremos sómente que oitenta mil dos dissidentes se conservárão indifferentes, ou persistirão na sua incredulidade.

No anno 241 Sapor ou Chapour ordenou aos magos que fizessem quanto estivesse ao seu alcance para os persuadir e reduzir á fé dos

* Annal. liv. xv, cap. xlv.

seus antepassados. Foi então que um dos sacerdotes do culto dominante, por nome *Adurabad Mabrasphand*, se sujeitou á prova do fogo...

« Prôpoz que se derramasse sobre o seu corpo, a nã, dezoito libras de cobre fundido ao sahir da fornalha, ardente, com a condição que, se não ficasse ferido, os incredulos se renderião a tão grande prodigio. » Diz-se que se procedeu á prova do fogo, com tal resultado que todos se convertêrão.

O historiador accrescenta, com ar de duvida, aliás bem cabida em semelhante materia:

« Já se vê que a religião de Zoroastro tem também os seus milagres e as suas lendas. » *

Ora aquella prova do fogo a que *Adurabad Mabrasphand* se sujeitou, é apenas uma experiencia extremamente facil e simples, que será tudo, menos milagrosa.

Demorar-me-hei aqui um momento, porque me parece que vejo apontar o sorriso da incredulidade aos labios d'aquelles que fazem a honra de me ouvir; este sorriso desalenta o homem que não é sincero; mas reanima o ardor d'aquelle que não pretende enganar ninguem, e faz todos os esforços possiveis por se não enganar a si mesmo. Tenhão a bondade de permittir-me que os socegue; o pouco que tenho a referir é inverosimil, mas verdadeiro, e basta. Pôsto isto, continuo.

Sabe-se que os sectarios de Zoroastro adoravão o fogo que consideravão como principio de todas as cousas.

E' áquelle philosopho que se attribue a judiciosa maxima—na duvida abstem-te.

Zoroastro, segundo muitos pensadores, é um dos maiores moralistas da antiguidade. Segundo Voltaire, é apenas um charlatão que faria triste figura « em presença dos philosophos menos profundos dos nossos dias, que não são os menos sensatos, diz elle. » **

Mas o philosopho francez cita, a proposito de Zoroastro, um facto que referirei aqui, porque tem relação intima com o objecto que me proponho. « O principe dos magos mandou conduzir á sua presença o menino (Zoroastro), e quiz esquarteral-o, mas a mão seccou-se-lhe immidia-

tamente. *Lançdrão-o ao fogo, que para elle se converteu em agua de rosas. » **

Como é facil de suppôr, o illustre oceptica considera este facto como archi-fabuloso. Eu, porém, prestando o devido acatamento á sua memoria, considero-o senão como verdadeiro, ao menos verosimil e possivel. Refiro-me unicamente ao fogo.

Em França, na Italia, em Inglaterra, sempre que tenho tido occasião de fallar nos corpos no estado spheroidal, encontrei pessoas que me fizessem a seguinte pergunta: Não haverá alguma relação entre estes phenomenos e o que apresentam os operarios, que correm descalços por cima das goteiras, ainda incandescentes do metal em fusão que por ellas passou, e que mettem a mão no chumbo fundido, etc.? Respondi a todos: Sim, creio que ha uma relação intima entre esses factos e o estado spheroidal. Depois, fazin-lhes eu também esta pergunta: Já tendes visto o que me referis? E a resposta era invariavelmente negativa.

Confesso que estes dizem, e os casos maravilhosos que lêra em diversas obras sobre a prova do fogo, e os homens incombustiveis, acreditados sem reserva por uns, negados obstinadamente por outros, havião profundamente excitado a minha curiosidade, e feito nascer em mim o ardente desejo de verificar todos aquelles phenomenos, e recordal-os á memoria dos contemporaneos, porque tudo isto é tão antigo como o mundo.

Nil sub sole novum.

(Continúa).

Perfil de Mulher.

EUFRASINHA.

A quadra é de *perfis*; tudo tem seu tempo.

A variedade faz o mundo; n'ella existe a vida.

Outr'ora a mania era de charadas; depois veio a das modas; mais tarde a da opera italiana; depois a dos theatros. . . . hoje é a dos *perfis*.

Quem deseja tornar conhecido o seu bestunto, ou fazer realçar a *fada vaporosa* de seus sonhos, escreve um artigo, enfeita-o de frases alambicadas, e chama-o—*perfil*!

E sabeis, caros leitores, o que é um *perfil*—na frase d'esses modernos pintores de idéas vãs? —

* Diccionario historico e bibliographico, tomo xxvii, pag. 417.

** Diccionario philosophico, tomo xiv, pag. 180.

* Diccionario philosophico, tomo xix, pag. 179.

Eu vol-o digo:—E' o traço inverosimil de figura imaginada por um cérebro esquentado que o reduz a caracteres typographicos com o fim de fazer, como disse, conhecido o seu nome, ou de immortalisar, como D. Queixote, a sua Dulcinéa, a sua Henriqueta, Carolina, Amelia, ou outras que taes exquisitas, que só elles sabem pintar!

Se a quadra é pois de *perfis*, porque não iremos com ella?

Vejamos si, ao menos para apresentar aos nossos leitores a amavel e querida Eufrazinha, podemos tambem, como elles costumão, traçar um *perfil de mulher*, ainda que d'ahi nenhuma gloria nos resulte em occultar o nosso nome.

Dado este pequeno cavaco, mãos á obra. — Mas por onde começaremos? Naturalmente pelo principio.

Pois vá lá.

I.

Eufrazinha foi uma menina educada por seus pais.

Peior é esta; antes de proseguir, temos de dar duas explicações aos leitores: primeira, que Eufrazinha foi uma menina; o que importa dizer que hoje não é mais do que uma excellente quarentona; segundo, que foi educada por seus pais; —o que tambem significa, que ella nunca andou em collegios, e por conseguinte que nunca aprendeu nem soube nos seus vérdes annos o que sabem magistralmente as meninas de hoje que aprendem nos collegios das *Mesdames*, e das *Misses*.

Feito este pequeno, mas importante reparo, continuemos:

Desde os primeiros annos ignorou completamente o mundo; era extraordinariamente devotada ao serviço domestico; e companheira inseparavel de sua mãe, ajudava-a no trabalho de costuras e de outros misteres da casa.

Tornando-se moça, raras vezes apparecia á janella, e manifestava tal desprezo pelos jovens que a requestavão, que dir-se-hia não palpar em seu peito um coração, e não existir n'elle um sentimento de amor.

Correrão os tempos; Eufrazinha, (foi assim que sempre a chamarão e por cujo nome ainda é conhecida) jámais teve uma paixão, ou nutrio sequer o desejo de amar alguém.

Embalde seus pais a apresentavão em algumas reuniões; sua alma parecia sem accão, seu espi-

rito adormecido; nenhuma sensibilidade a despertava; ou o riso da festa, ou o pranto da miseria lhe erão indifferentes.

Já trinta primaveras havião sobre ella derramado suas flores; essas flores seccavão, seus perfumes se evaporavão, e Eufrazinha inerte e fria como os gelos do inverno, via correr o mundo com a mesma placidez de espirito, como correrão seus primeiros annos.

Acabava de perder seu pai; o dever filial apenas arrancou-lhe algumas lagrimas, lagrimas (permitta-se-nos a frase) sêccas, estereis e mortas; seu rosto bem depressa readquirio a placidez habitual; — ainda tinha sua mãe, e pouco lhe importava o mais.

Seis annos depois Eufrazinha encarava o mundo de outro modo; sua mãe não existia, e o coração de Eufrazinha já palpitava.

Por quem? !... Como se manifestou tão tarde em seu coração esse sentimento que tão cedo se patenteia, e tão cedo nos aponta o caminho da felicidade?

Ninguém o sabe; Eufrazinha mesmo não o poderia explicar.

II.

Eufrazinha hoje tem quarenta annos, ainda incompletos. Sua casa é uma das mais frequentadas do Rio de Janeiro pelos leões do seculo; — outra Labarrère, ella os sabe domar e humilhar.

Graças aos postigos e, mais que tudo, á franqueza de sua *dourada* bolça, Eufrazinha é uma *deusa*, um *anjo*, uma *fada vaporosa*.

Captivo por ella, por ella vivo:

Quantos, se a conhecessem como eu, não amariam como eu a minha Eufrazinha!

Leitores, será isto um *perfil*?

Se não fôr, deixai-o ao menos passar como um debuxo desses desenrolados e bombasticos *perfis*, que não passam de uma mentira, de um falso embuste enroupado nas vestes de um romance, sem principio, sem meio e sem fim; o meu — é verdadeiro.

PERSICO.

A sogra do Diabo.

(CONTO POPULAR)

Pois senhor, havia n'um lugar, a que se chamava Villagãnanes, uma viuva mais feia que o

sargento de Utrera, que arrebentou de feio; mais magra que um espectro, mais velha que o andar a pé; e mais amarella que a epidemia. Em compensação tinha um genio tão maldito, que nem o mesmo Job a teria aturado. Tinha-o-lhe posto por alcunha—a tia Holofernes—porque apenas chegava á porta, todos os rapazes deitavam a fugir.

Era a tia Holofernes limpa como a agua, diligente como uma formiga, e portanto não tinha pequena cruz em aturar sua filha Pamphilia, que era, pelo contrario, tão folgazã, e tão amiga do padre Quiêto, que não a moveria um terremoto. Por isso, quando Deus accendia as suas luzes começavam os ralhos da tia Holofernes, e quando elle as apagava ainda a festa durava.

— E's, lhe dizia, molle como o tabaco da Hollanda; precisa-se de uma junta de bois para te arrancar da cama. Foges do trabalho como da peste, rapariga sem vergonha, e gostas tanto da janella como uma macaca. E's mais namoradeira que o tio cupido; mas deixa estar, se as forças me não faltarem, hei-de fazer-te andar mais direita que um fuso, e mais ligeira que o vento.

Pamphilia, ouvindo isto, levantava-se, bocejava, espreguiçava-se; e, trocando-lhe as voltas, ia pôr-se á porta da rua.

A tia Holofernes, sem dar por isso, punha-se a varrer com uma actividade pasmosa, acompanhando o ruido da vassoura com diversos monologos do seguinte teor:

— Nos meus tempos as raparigas trabalhavam como machos...

A vassoura fazia *chis, chis, chis*.

— Viviam recolhidas como freiras...

E a vassoura fazia *chis chis chis*.

— Só pensão em noivos... Estes tambem estão perdidos...

E a velha continuava a grasinhar, e a vassoura a fazer *chis chis chis*.

Chegando ao pé do saguão, via a tia Holofernes, que a filha estava a fazer signaes a um rapazote, e o baile da vassoura acabava nas espaldas de Pamphilia, operando o milagre de a fazer correr. Em seguida dirigia-se a tia Holofernes para a porta, empunhando a vassoura; porém, assim que assomava, desaparecia o pretendente com tanta pressa, como se lhe tivessem posto aza nos pés.

— Maldita namoradeira! gritava a mãe; hei

de quebrar-te quantos ossos tiveres no corpo. Dize-me, o que pretendes tu com esses namoricos?

— Casar-me, minha mãe, que já é tempo.

— Casar-te! que disseste, louca? Não ha de ser no meu tempo.

— Pois vocemecê não se casou? E a minha avó, e a minha bisavó?

— Bem me pèza de ter feito, porque te dei o ser, minha desboccada. Fica entendendo: se eu me casei, se minha mãe e minha avó se casarão, não quero que te cases tu, nem minha neta, nem minha bisneta: ouviste?

Nestes suaves colloquios passavam a vida, a mãe e a filha, sem outro resultado senão ser a filha cada vez mais rabujenta.

N'uma occasião em que a tia Holofernes estava fazendo a barrela, e a ponto de ferver a cinza, teve de chamar a filha para que lhe ajudasse a levantar a panella do lume. A filha ouvia com um ouvido, mas era o mesmo que nada, porque escutava com o outro uma voz conhecida, que dizia, lá na rua:

"Eu te quizera querer,

Mas tua mãe não me deixa;

O tal demonio da velha

Em tudo se hade meter."

Era debalde que a tia Holofernes se esganiçava. Vendo enfim que a filha não vinha, resolveu-se a pegar só na panella, e a entornar a agua sobre a roupa, sem mais ajuda de ninguem. Como era pequena, e de poucas forças, despejou a panella por cima de si, e queimou um pé.

Aos gritos da tia Holofernes acudio a filha.

— Maldita, remaldita, malditissima! dizia a tia Holofernes, feita um basilisco — permitta Deos que te cases com o demonio.

Algun tempo depois apresentou-se um pretendente. (Continúa.)

Voto de gratidão *

Infante eu era — meus annos
Alegres, verdes, gentis,
Desabrochavam ufanos
Com meus brincos infantis;
E n'esse vivo fulgor,
Mas de receio e esquivança,
Tu foste a quem em criança
Eu consagrei mais amor!

* Poesia recitada no Cosme Velho (Laranjeiras) ao feliz anniversario natalicio de meu parente e amigo João da Costa Freitas, em 6 de de outubro de 1868.

A luz que meus olhos virão
N'este mundo devo a ti;
Buscaste os que me acudirão,
Quando entre d'ões nasci !
Minha mãe por ti chamou ;
E estando da morte ás portas,
Foste chamar, horas mortas,
Quem nos braços me tomou !

Cresci : e sempre a teu lado,
Foste o meu segundo pai !
Nunca faltou-me esse agrado
Desde o tempo que lá vai !...
Aquella que o céu te teu
Por esposa e companheira,
Tambem alegre e fagueira,
—Menino— me recebeu !

Oh ! que saudades eu tenho
D'esse tempo tão feliz !
Se a estes lugares veio,
Quanto minha alma não diz !...
Quantas vezes sem pensar
Nos meus perdidos folgaes,
Contemplando estes lugares,
Sinto minha alma chorar !...

Se me lembro d'esses dias
Em que vinha pela mão
De meu pai, todo alegrias,
Bebendo a sua instrução ;
Se me recordo tambem
De meus bellos camaradas,
D'essas horas não cansadas,
Mas, oh ! céos !... que já não vêm :

Ai !... então que doce pranto,
Que tristeza, que saudade !
Como é puro, como é santo
Esse amor, essa amizade !...
Oh ! meu Deus, como ellas são,
Essas lagrimas ardentes,
Que fallão tão eloquentes,
Que dizem mais que a razão !...

Mas deixemos, entretanto,
Tão doces recordações,
Porque aqui não cabe o pranto,
Nem saudosas commoções ;
E' este o teu dia !... Sim,
Para mim o mais dilecto,
Que deve ser o objecto
Que a todos os mais dê fim !...

E' este o teu almo dia,
Para mim sem outro igual ;
Que se traduz em alegria,
Por ser o do teu natal !...
De novo agora eis-me aqui !...
Se sempre tu me estimaste,
Tambem sempre me encontrei
Grato, amante junto a ti !...

E por dar-te inda uma prova
D'essa imensa gratidão,
Uma vez que se renova
Hoje em mim o coração ;
Tomo este côpo—e de pé,
Volvo ao céu um voto ardente :
—Que Deus faça alegremente
Ser feliz quem tão bom é !...—

L. M. PECEGUEIRO.

Phenix Dramatica.

ORPHEU NA ROÇA.

*Persico, o profligador constante dos abusos,
o Bocage*

Mais propenso ao furor do que á ternura ;

o homem mais acostumado a chorar sempre
como Heraclito, do que a rir como Demócrito,
desta vez sahe do seu proposito, e cumprindo a
promessa feita, estende a mão ao Vasques, e
aperta-a com toda a effusão de admiração e en-
thusiasmo.

Com effeito, tiveste a habilidade de fazer de
mim um verdadeiro Sr. Domingos fóra do sério !

Fui vêr o teu *Orpheu na roça*, e por momentos
cheguei a acreditar que me havias transportado
ao nosso interior ; nutri mesmo desejos de fazer
parte desses brincos de S. João, em roda do mas-
tro, e apreciar dansando esse admiravel cati-
reté. —

Foste tão feliz nessa concepção, como o im-
mortal compositor d'essa musica esplendida,
divina, o incomparavel Offenbach !

A tua parodia, meu Vasques, não é um sim-
ples trabalho que passe desapercibido aos olhos
de um homem de gosto ; não é uma d'essas
ligeiras imitações, vergonhosos plagiatos, que
mesmo no genero burlesco como a tua, mereção
o acolhimento e o apreço de poucas horas e de
poucos apreciadores.

Queres saber a minha opinião ?

A tua parodia é uma criação inspirada, é uma
produção feliz, é um protesto vivo que fizeste
a esses obstinados apologistas do theatro francez,
e da opera italiana, convencendo-os de que a
nossa lingua se presta como qualquer outra ás
doçuras, á fluidez, á amenidade do canto.

Quem ouvir o teu *Orpheu na roça* não dirá
mais por certo que a lingua portugueza é arida,
pezada e incapaz de prestar-se á harmonia.

Ahi não foi a musica escripta para o canto,

mas sim este apropriado á musica escripta; e quem não dirá que vai elle todo de perfeito accôrdo, em harmonia, suavidade, graça e mimo do original?

Meu Vasques, felicito-te ainda uma vez por essa tua admiravel composição!

E o gallo? !.. Quem não achará esta tua criação, esta brilhante idéa que tiveste mais apropriada, mais feliz, digamos mesmo, mais natural do que a *mosca*, aliás tão bem desempenhada no *Orpheu* original?!

Persico pelo menos assim o entende. A propriedade muito convêm nas idéas comparadas; e por isso lhe parece mais natural ver-se um juiz de paz da roça transformar-se em gallo, do que um Jupiter do Olympo transformado em *mosca*.

Emfim, a transposição que fizeste de todas as scenas do *Orpheu nos infernos* para o *Orpheu na roça* é de summa habilidade.

O povo ri-se a mais não poder; é uma noite feliz que se passa, uma satisfação para o espirito e para o coração, e que nada deixa a desejar d'essas noites de outr'ora, em que o *Orpheu nos infernos* tanta gente acarretava para o céu da rua da valia!

A prova, meu Vasques, de que a tua parodia fez rir a *Persico* e muito lhe agradou, é a publicação d'estas linhas que elle te prometteu, no caso que lhe cahisse no gôto.

Com effeito assim foi; e por isso te aperta a mão e dá-te os devidos parabens.

PERSICO.

Coisas e loisas.

Zero tem a honra de apresentar-se aos illustrados leitores da *Revista Fluminense*.

Não extranhem a minha sem cerimonia, ella está em relação com os costumes da época. Encontra-se um amigo (quiza desconhecido hontem), elle pergunta-vos: que-reis ser apresentado em casa de D. Fulana? Vós accedeis, e eis-vos intimo amigo de D. Fulana.

Um moço vé, em uma noite de baile, uma donzella, que captiva-lhe o coração; na manhã seguinte escreve-lhe uma carta apaixonada, e d'ahi a um mez é seu feliz esposo.

Um candidato á salvador da patria encontra um capoeira, apresepia-o ao thesoureiro da caixa protectora e promotora do voto livre, e na manhã seguinte o valentão é intimo amigo de todos os candidatos, e na porta da Igreja prende aos teimosos, ensina aos ignorantes a melhor maneira de exercer a soberania do povo.

Um subdelegado encontra um cidadão que tem a intelligencia de não idolatrar á S. S.^a, apresenta-o á um urba-

no, que o leva ao carcereiro da policia, e elle travando repentino conhecimento com a rapaziada de xadrez.

Se le monde marche!

Zero foi lembrado para collaborador da *Revista Fluminense*.

No meio de tantas flôres mimosas vem um cravo de.... defunto mostrar sua belleza negativa nas *Coisas e loisas*.

Que querem? A culpa não é d'elle, é desta mocidade generosa, a primeira no campo da batalha, nas pugnas da intelligencia e nos praelios da sciencia!

Deus a salve!

A felicidade é um sonho. Eis a prova: Recolhi-me para a casa, hontem, bastante fatigado.

Deitei-me logo e pensei dolorosamente na triste sorte do ser sempre *Zero*.

Para distrahir-me, estendi a mão e tomei um livro. Era o *Paraizo Perdido* de Milton.

Li a sublime discripção que o poeta inglez fez do primeiro encontro de Adão e Eva.

Extasiei-me. Fechei os olhos docemente murmurando: — Quem me dera uma *Eva* como aquella!?

E adormeci.....

De repente a parede fronteira ao meu leito ergueu-se como o panno de um theatro, e um espectaculo grandioso se mostrou aos olhos do deslumbrado *Zero*.

Era o jardim da ventura! Era o *Eden* de nossos primeiros paes, em segunda edição mais correcta e augmentada para alegria dos modernos filhos da humanidade. Isto é: os rios erão de ouro e as arvores em lugar de fructos tinham bonas do empréstimo nacional.

E no meio deste lugar venturoso erguia-se *Eva* com toda a sua belleza primitiva tambem em nova edição, pois tambem não era esquiva, innocente e fugitiva, visto que dizia-me: «Queres a ventura, *Zero*? pois bem, vem! vem!!! e vem!!!»

Não esperei uma segunda ordem, precipitei-me e... uma frieza terrivel acordou-me em sobresalto!

Tinha cahido dentro de uma banheira collocada de frente de meu leito!

A felicidade é um sonho!

Pobre *Zero*!

Sou *Zero*, algarismo, emquanto isolado, sem valor, mas que reunido á um outro *significativo* o torna dez vezes maior.

Convido, pois, os algarismos significativos a multiplicarem-se por dez.

Zero está ás suas ordens.

Au revoir.

Zero.

Rio, 11 de Novembro de 1868.

Enigma typographico.

T_m A Q^L Q V_{oo} T_m

A explicação do enigma typographico do n. antecedente é: *Quem mais tem, mais deseja.*

1868.—Typ. de Quirino & Irmão, rua da Quitanda n. 27.